

Representações sociais sobre os jovens no contexto do novo coronavírus

*Gustavo Bruno Pereira de Souza*¹
*Maria das Dores Saraiva de Loreto*²
*Sheila Maria Doula*³
Universidade Federal de Viçosa

Resumo: A juventude esteve muito presente nas notícias veiculadas a respeito do novo coronavírus. Nesse sentido, o artigo se propôs a analisar as representações sociais dos juízos divulgados pela mídia a respeito dos jovens, tendo como objeto 1.167 comentários gerados por usuários da rede social *Instagram*, a partir de uma notícia, sobre o tema em questão, do Jornal *O Globo*. Tratou-se de um estudo documental, cujos dados foram analisados pelo software IRAMUTEQ. Os resultados obtidos apontaram a prevalência de muitas representações, mesmo que os argumentos digam respeito a uma mesma realidade social.

Palavras-chaves: representações sociais; jovens; mídias.

PEREIRA DE SOUZA, Gustavo Bruno; SARAIVA DE LORETO, Maria das Dores; DOULA, Sheila M. **Representações sociais sobre os jovens no contexto do novo coronavírus.** *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 9 (20): 91-108, maio a agosto de 2022. ISSN: 2358-5587

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica na Universidade Federal de Viçosa (UFV). Graduação em Administração. Bolsista Capes.

² Doutora em Família e Meio Ambiente pela University of Guelph (Canadá). Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa (UFV).

³ PhD pelo Programa Postdoctoral de Investigación en Ciencias Sociales, Niñez y Juventud da CLACSO. Bacharela em Ciências Sociais, Mestre e Doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professora Associada IV da Universidade Federal de Viçosa (UFV).

Social representations about youth in the context of the new coronavirus

Abstract: The youth was very present in the news published about the new coronavirus. In this sense, the article aims to analyze the social representations of the judgments disseminated by the media about young people, having as object 1,167 comments generated by users of the social network Instagram, based on a news item on the topic in question from Jornal O Globo. This was a documental study, whose data were analyzed using the IRAMUTEQ software. The results obtained indicated the prevalence of many representations, even if the arguments relate to the same social reality.

Keywords: social representations; youth; media.

Representaciones sociales sobre la juventud en el contexto del nuevo coronavirus

Resumen: La juventud estuvo muy presente en las noticias publicadas sobre el nuevo coronavirus. En ese sentido, el artículo tiene como objetivo analizar las representaciones sociales de las sentencias difundidas por los medios de comunicación sobre los jóvenes, teniendo como objeto 1.167 comentarios generados por los usuarios de la red social Instagram, a partir de una noticia sobre el tema en cuestión de Jornal O Globo. Se trata de un estudio documental, cuyos datos fueron analizados mediante el software IRAMUTEQ. Los resultados obtenidos indicaron el predominio de muchas representaciones, incluso si los argumentos se relacionan con la misma realidad social.

Palabras clave: representaciones sociales; juventud; medios de comunicación.

Ao longo da história foram registradas significativas pandemias (Peste Bubônica, Gripe Espanhola, Cólera, dentre outras), vistas como doenças infecciosas, caracterizadas pela ampla disseminação, em grandes regiões e em diversos países. Antecedendo duas outras, só neste século, a Síndrome Respiratória Aguda (SARS-CoV), em 2002, e a Síndrome Respiratória do Oriente Médio (MERS-CoV), em 2012, na hordiernidade, o mundo vivencia uma nova pandemia, iniciada em dezembro de 2019, em Wuhan, cidade chinesa localizada na província de Hubei, dessa vez tendo como agente etiológico um novo coronavírus, do tipo SARS-COV-2, nomeada COVID-19, responsável por ocasionar uma Síndrome Respiratória Aguda Grave, com potencial de mortalidade relacionada a danos maciços e insuficiência pulmonar (CALVACANTE *et al.*, 2020; MOREIRA *et al.*, 2020).

No Brasil, registrou-se o primeiro caso confirmado da COVID-19, importado da Itália, em 26 de fevereiro de 2020. Apesar da implantação de uma série de medidas, esforços e estratégias de intervenção a fim de refrear e de mitigar o avanço da doença, na tentativa de reprimir a disseminação do vírus e possível colapso dos serviços de saúde, o Brasil ostentou uma das maiores expansões de casos entre os países mais afetados, assim como registrou um aumento progressivo e preocupante do número de ocorrências e de mortes, como demonstram os dados do Boletim Epidemiológico nº 90, divulgado no final de outubro de 2021, pelo Ministério da Saúde, no qual, no Brasil, foram confirmados mais de 21 milhões de casos (BRASIL, 2021; CAVALCANTE *et al.*, 2020; MOREIRA *et al.*, 2020).

Dado ao momento percorrido e considerando, além disso, o período de isolamento social, que restringiu a circulação dos indivíduos, os jornais, bem como as mídias sociais, que, com o advento da globalização e do desenvolvimento acelerado das tecnologias de informação e disseminação de conhecimento, tornaram-se capazes de transmitir notícias em tempo real e em grande escala geográfica, se configuraram, ainda mais, como intermediários de grande relevância nesse cenário de buscas e compartilhamento de conteúdo, relacionados ou não à pandemia, dada a sua natureza interativa e por muitos usuários se apropriarem dessas ferramentas para comunicação (ANDRADE *et al.*, 2020; DÚ BO *et al.*, 2020).

Dessa forma, durante este tempo, esses mecanismos de informação atuaram como replicadores e/ou disseminadores de informações que noticiavam o modus operandi a ser seguido durante a pandemia de COVID-19; sendo comum, ademais, notícias que reforçavam a ideia de estrito controle social sobre o movimento populacional e restrição às aglomerações.

Como ressaltado por Dú Bo *et al.*, (2020), o SARS-CoV-2 e a doença que ele provoca (COVID-19), tornaram-se objeto de estudo das mais diversas áreas do conhecimento, como Epidemiologia, Infectologia, Saúde Pública, Psicologia, Ciências Sociais, dentre muitas outras. Mais do que uma questão de saúde, essa pandemia aventou, dentre as muitas inquietações, uma discussão – ao que parece pelo fato da transmissão ocorrer principalmente de pessoa para pessoa de forma rápida e seu controle representar um grande desafio – acerca da maneira como os seres humanos se relacionam com os diferentes meios que o cercam.

Sob este prisma, os jovens, especialmente no momento em que se convencionou chamar de segunda onda de contágio do vírus, foram apontados como sendo protagonistas na pandemia, em função da participação destes nas festas e nos bailes lotados, estando os mesmos sempre presentes nas discussões e notícias relativas à COVID-19.

Ao falar em jovens, verifica-se que o termo não se apresenta como uma maneira simples. Como ressaltado por Resende e Espíndula (2020), o enfoque conferido a esse tema está pautado em óticas distintas que se ancoram em aspectos sociais, biológicos, culturais, morais, dentre outros. Existe uma ampla forma como os jovens são tematizados e a construção de um conceito, seja ele científico ou socialmente compartilhado, pode se configurar numa arena tortuosa. Portanto, o termo “jovem” empregado neste artigo segue o modelo referendado por Werneck (2005), referindo-se ao momento posterior à infância, que envolve a adolescência e a juventude propriamente dita, adotada aqui, como o período entre os 16 e os 24 anos.

Independentemente da grande dimensão conferida às questões que perpassam, direta ou indiretamente esse tema, é inegável a tamanha importância do construto jovem no campo das relações sociais e nos grupos sociais que compõem a sociedade. Assim sendo, este artigo se propõe a discutir a forma como tem sido representada a imagem do jovem e conhecer as representações sociais dos juízos divulgados pela mídia, tendo como objeto comentários feitos a partir de uma reportagem sobre o tema em destaque do Jornal *O Globo*, divulgada na rede social *Instagram*, espaço virtual no qual grupos de pessoas e até empresas se relacionam por meio do envio de mensagens e compartilhamento de conteúdo.

Como corroborado por Sousa, Santos e Aléssio (2018), Vitalli et al. (2019), Dú Bo et al, (2020) e Duarte, Doula e Silva (2020), nesse processo de construção de teorias socialmente elaboradas e compartilhadas, a internet, sendo um meio de comunicação de massa, desempenha uma importante função na organização e difusão dos discursos produzidos. Além disso, por ser um local aberto à grande maioria da população, a análise dos conteúdos provenientes desses diálogos possibilita e até oportuniza a identificação do imaginário da população sobre um determinado tema que esteja no momento em debate.

Jodelet (2001: 17) endossa esse ponto de vista ao afirmar:

A observação das representações sociais é, de fato, facilitada em muitas ocasiões. Elas circulam nos discursos, são carregadas pelas palavras, veiculadas nas mensagens e imagens mediáticas, cristalizadas nas condutas e agenciamentos materiais ou espaciais.

Nesse sentido, este estudo se alicerça na Teoria das Representações Sociais, considerada adequada para analisar o modo como os atores sociais exprimem suas representações, opiniões e crenças acerca dos objetos, sejam eles do mundo concreto ou abstrato, dentre os muitos, os acima mencionados (RESENDE e ESPÍNDULA, 2020).

Comunicação social, mídia e representações sociais

A mídia, por lidar com a divulgação de informações, é um dos mais importantes equipamentos sociais no sentido de produzir esquemas de significação e interpretação do mundo. Para Coimbra (2001), esse equipamento da comunicação não nos indica somente sobre o que pensar, o que sentir e como agir, mas,

principalmente, orienta-nos sobre o que pensar, sobre o que sentir. Assim, essa concentração de informações, característica do mundo globalizado, na visão da supracitada autora, produz poderosos processos de subjetivação que nos indicam a maneira de relacionar, ser e viver dentro de um permanente processo de modelização (COIMBRA, 2001).

Apresentado tais pressupostos, como elucida Jodelet (2001), a comunicação é um objeto próprio da Psicologia Social, que contribui para a abordagem dos fenômenos cognitivos. Ainda conforme a autora, a comunicação tem papel fundamental nas trocas e interações que contribuem para a instituição do universo consensual, desempenhando, ademais, nesse processo de formação do pensamento e do conhecimento social, uma importante função de elo entre os indivíduos e a sociedade, sobretudo nas ditas sociedades contemporâneas, nas quais o acesso à informação tornou-se componente decisivo na vida das pessoas (ARRUDA, 2002; PAVARINO, 2003).

Tal interpretação permite dizer que as trocas comunicacionais são fundamentais no aspecto conceitual para a dinâmica das representações sociais, conformação referendada por Jodelet (2001: 28), quando salienta que “a comunicação social, sob seus aspectos interindividuais, institucionais e mediáticos aparece como condição de possibilidade e de determinação das representações e do pensamento social”.

Assim sendo, pode-se inferir que a representação sobre algo sempre se desenvolve a partir da relação com o outro, sendo uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado que se constitui como ideia socializada, manifestando-se na forma de imagens, conceitos, categorias, teorias e experiências, que concorrem entre si para a construção de uma realidade comum a um conjunto social (JODELET, 2001; REZENDE e ESPÍNDULA, 2020).

Contudo, apesar da função cognitiva ser importante no processo representacional, o conceito de “Representação Social” da sociologia de Émile Durkheim só começou a trabalhar com o pensamento social, em sua dinâmica e diversidade, a partir de 1961, quando Serge Moscovici desenvolveu uma proposta de psicossociologia do conhecimento que propõe a investigação da construção social a partir da consciência coletiva (SÉGA, 2000; ARRUDA, 2002).

Os autores que se referem à crise dos paradigmas (PESAVENTO, 1995; ARRUDA, 2002) defendem que ocorreu uma inflexão nos domínios das ciências humanas face ao declínio dos esquemas teóricos explicativos sobre os quais a história se apoiava e que perduravam, enquanto forma de interpretação da realidade, até cerca da metade do século XX. Desta forma, o imaginário alcançou um realce enquanto objeto de preocupação temática, justamente no momento em que as certezas do processo científico não se apresentavam como capazes de dar conta da complexidade do real (PESAVENTO, 1995; JODELET, 2001).

Para alguns autores, como Pesavento (1995) e Jodelet (2001), essa inflexão teve como resultado a pesquisa voltada para os fenômenos marcados pelo subjetivo, direcionada para as questões do domínio simbólico. Com outras contribuições importantes, Arruda (2002) lembra que se via florescer na história social um suporte teórico e metodológico substitutivo, que se preocupava com a explicação para os fenômenos que recorrem às noções da consciência e do imaginário.

Em outras palavras, como ressaltado por Wachelke e Segala (2005), essa perspectiva propôs que seria feito o estudo científico do senso comum, como forma de conhecimento, tanto o da sua estrutura, quanto de seu funcionamento e conteúdo. Nesta sistematização, ocorreu a reabilitação do saber popular e do

conhecimento do cotidiano, saber antes considerado confuso, inconsistente e equivocado.

É importante também enfatizar que:

No percurso da transformação do fenômeno social neste final de século, os meios de comunicação de massa se tornam instrumentos fundamentais na produção da nova coesão social, exatamente porque lidam com a fabricação, reprodução e disseminação de representações sociais que fundamentam a própria compreensão que os grupos sociais têm de si mesmos e dos outros, isto é, a visão social e a autoimagem. (ALEXANDRE, 2001: 116)

Portanto, nesse processo de construção do universo consensual e do senso comum, onde as representações frequentemente se constroem, mais recentemente, enfatiza-se que as redes sociais, como meios de comunicação, têm um papel essencial para a dinâmica das representações sociais, dado que possuem capacidade de influenciar o senso comum em grande extensão.

Jodelet (2001: 20) endossa esse ponto de vista, ao afirmar:

As instâncias e ligações institucionais, as redes de comunicação mediáticas ou informais intervêm em sua elaboração, abrindo a via dos processos de influência, às vezes de manipulação social [...]. Essas representações formam um sistema e dão lugar a “teorias” espontâneas, versões da realidade que encarnam as imagens ou condensam as palavras, ambas carregadas de significações [...] se trata de estados que o estudo científico das representações sociais apreende. [...] através dessas diversas significações, as representações exprimem aqueles (indivíduos ou grupos) que os forjam e dão do objeto que representam uma definição específica. Essas definições partilhadas pelos membros de um mesmo grupo constroem, para esse grupo, uma visão consensual da realidade. Esta visão, que pode entrar em conflito com a de outros grupos, é um guia para as ações e trocas cotidianas [...] que se trata das funções e da dinâmica social das representações.

Em se tratando a respeito, Jodelet (2001) ainda explica que a comunicação intercede os aspectos estruturais e formais do pensamento social e é a transmissora da linguagem e, portanto, portadora das representações. Por esta razão, as pesquisas em representação social prontamente reconhecem isso, recorrendo frequentemente a mapeamentos da mídia, analisando esses conteúdos propagados para chegar às representações difundidas (WACHELKE e SEGALA, 2005; VITALLI *et al.*, 2019; RESENSE e ESPÍNDULA, 2020; DUARTE *et al.*, 2020).

De forma complementar, Sêga (2000: 132) salienta, a partir dos preceitos conceituais sistematizados por Moscovici, que “não só as nossas imagens do mundo social são um reflexo dos eventos do mundo social, mas os próprios eventos do mundo social podem ser reflexos e produtos de nossas imagens do mundo social”. Esse entendimento permite dizer, segundo o autor, que as representações são produzidas a partir de variadas metamorfoses que geram novos conteúdos. As coisas do mundo a nossa volta, tanto quanto as suas causas, são efeitos de nossas representações.

Assim sendo, adotar o paradigma teórico das representações sociais na comunicação social, como reportado por Wachelke e Segala (2005), significa assumir que a mídia é um veículo poderoso de comunicação de pontos de vista para a população, podendo, além disso, transformar os fenômenos sociais, influenciando, mediando e/ou moldando o modo de pensar das pessoas, difundindo para a população informações com vistas à produção de coesão social (VITALLI *et al.*, 2019). Posto isso, entender como se admitem as representações nos meios de comunicação constitui objeto de investigação que merece ser aprofundado.

Procedimentos metodológicos

Uma vez situada as características da perquirição, tratou-se de uma pesquisa documental com características descritivas, técnica de pesquisa com peculiaridades metodológicas para dirimir conteúdo manifesto da comunicação, seja de forma oral ou escrita, estando as classificações do estudo em consonância com as definições apresentadas por Richardson (1999) e Gil (2002), quando as descrevem, como abordagens úteis para aprimoramento de ideias e concepções. Esse tipo de pesquisa é mais útil dado ao objetivo proposto, em função de ser mais adequada para demonstrar fenômenos da realidade social: representações, pontos de vista, percepções, visões e significados.

A instrumentalização da pesquisa perpassou por duas etapas, quais sejam: (i) o levantamento e a sistematização de informações referentes ao objeto de estudo aqui apresentado; e (ii) a síntese, a análise e a apresentação dos resultados, todas explicadas adiante. Preliminarmente, procedeu-se com a coleta de ideias, noções, averiguações a fim de apreender qual era a imagem veiculada pela imprensa a respeito dos jovens, no âmbito das dimensões apresentadas. Para isso, realizou-se leitura e análise das publicações jornalísticas de veículos de informação do Brasil (*Veja, O Globo, Rede CBN, Folha de São Paulo*, dentre outras).

Foram coletadas sete notícias que apresentavam características de postagens relacionadas à COVID-19 em que os jovens eram retratados, sendo examinadas as matérias publicadas num período de quatro meses (de 23 de agosto a 23 novembro de 2020), período conhecido como sendo o da segunda onda de contágio do vírus, no qual observou-se um intenso número de notícias que tematizavam sobre estes sujeitos. Foram desconsideradas apenas as publicações com o mesmo conteúdo que foram replicadas. Alguns materiais, como, por exemplo, *podcasts* e *lives*, que são programas de áudio e vídeo disponíveis na internet, também foram assistidos, como parte da primeira etapa da pesquisa, atentando ao processo de análise.

Numa segunda etapa, foi realizada análise dos comentários da rede social Instagram, mídia social online de compartilhamento de fotos, vídeos e textos, gerados pelos seus usuários a partir de uma reportagem⁴, divulgada na conta do jornal O Globo, que retratava os jovens como disseminadores do vírus da SARS-COV-2, disponibilizada de forma online no dia 23 de novembro de 2020, por meio do site do jornal, sendo também publicada na página oficial do jornal na citada rede social, de maneira que fosse possível identificar o rebatimento da imagem reportada pela imprensa e compreender as representações sociais das imagens construídas relativas aos jovens. A notícia foi acompanhada durante uma semana e 1.167 comentários⁵ foram gerados pelos leitores até o dia 30 de novembro do mesmo ano. Procedeu-se com o download das informações, que foram armazenadas em dispositivo próprio.

Alguns aspectos relativos a essa notícia do jornal *O Globo* tornaram o uso da mesma favorável à proposição apresentada. Antes de tudo, a escolha dessa matéria, em específico, deve-se ao fato da sua pertinência para a finalidade do estudo, já imergindo nessa perspectiva de vislumbrar as representações em relação ao objeto estudado. Também foi um critério para a escolha dessa notícia, o

⁴ Recuperado em 23 novembro às 15:43, 2020, de: <https://oglobo.globo.com/rio/jovens-se-tornam-disseminadores-do-virus-diz-infectologista-sobre-festas-lotadas-no-rio-24760771>.

⁵ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CH8Pio8LYbg/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 30 nov. 2020 às 11:14.

conteúdo abordado na matéria, dentro do enfoque do trabalho. Atrélado a isso, está o fato desse veículo de comunicação se apresentar como um jornal de grande circulação no país, aumentando, assim, a possibilidade de maior visibilidade da matéria, e, conseqüentemente, maior interação e geração de conteúdos, um outro aspecto decisivo para o estudo.

Ulteriormente, os comentários provenientes da matéria já argumentada foram organizados e processados. O software empregado nessa parte da pesquisa para realizar a exposição dos fatores em explanação foi o Microsoft Word®. Esse momento da pesquisa, que compreendeu na operacionalização dos comentários gerados pelos usuários foi conduzido respeitando dois momentos: (i) a organização; e (ii) o processamento do material coletado. Foi realizado o arranjo e uma primeira pré-análise do conteúdo reunido. Para alcançar uma compreensão mais profunda do problema delineado, a análise dos dados foi orientada pela técnica de Análise de Conteúdo da Bardin (2011).

No que tange às últimas etapas do processo de transformação dos dados em informações, complementariamente, visando o refinamento desse material, com o intuito de prepará-lo para ser explorado quantitativamente, foi feito uso de técnicas do Software IRAMUTEQ 0.7 Alpha 2, no qual procedeu-se com uma análise exploratória, que, por sua vez, mostrou-se eficaz para uma análise mais robusta dos resultados ajudando a tornar o conteúdo mais explícito e, conseqüentemente, possibilitando a compreensão e a estrutura de possíveis representações sociais (DUARTE *et al.*, 2020).

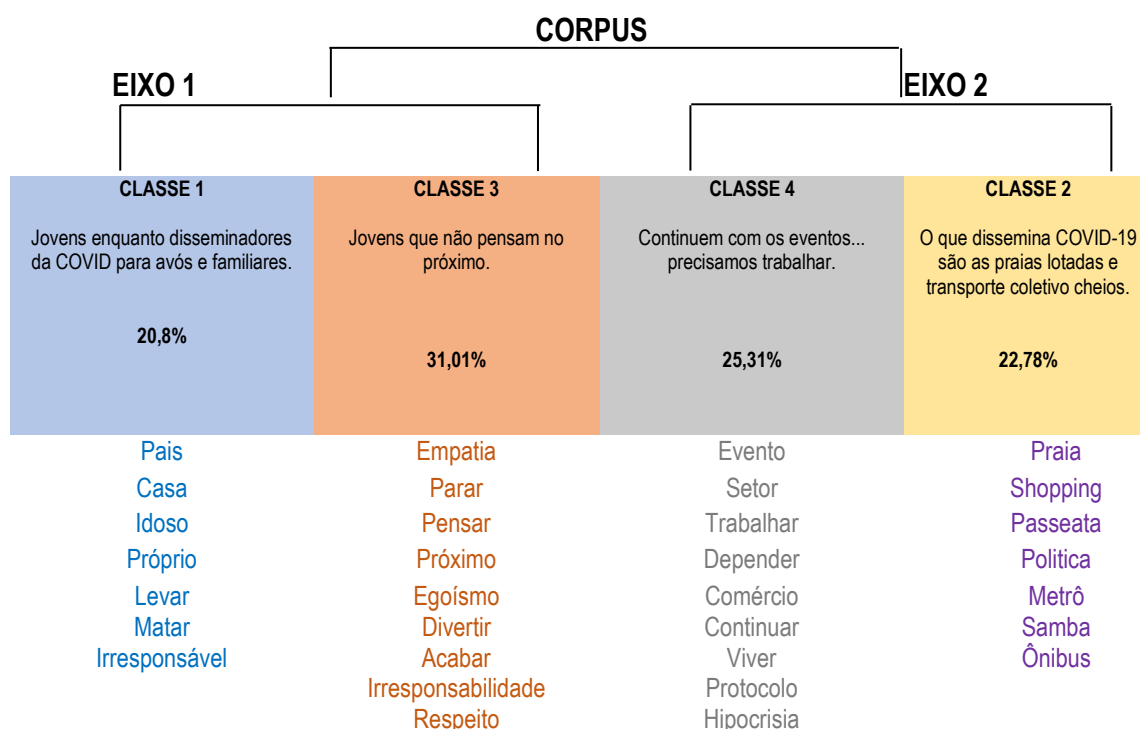
Vale ressaltar que, por se tratar de um estudo documental, a partir de textos de livre acesso à população através da internet, foi dispensada a necessidade de apreciação ética, por não se tratar de estudo com participação de seres humanos e animais.

Resultados e discussão

Tal como Fernandes (2020), para analisar as representações sociais sobre os jovens expressas na mídia foi feito uso de técnicas de lexicometria, particularmente, a Classificação Hierárquica Descendente (CHD), seguindo o método proposto por Reinert (1983), por meio do software IRAMUTEQ, que analisou o corpus, reagrupando as evocações associadas em diferentes classes.

O corpus foi dividido pelo software em 221 segmentos de textos (STs), dos quais 158 STs foram aproveitados (71,49%). Assim, conforme a Figura 01, que pode ser visualizada abaixo, o dendograma foi categorizado em quatro distintas classes de segmentos de texto: Classe 1, com 33 STs (20,8%); Classe 2, com 36 STs (22,78%); Classe 3, com 49 STs (31,01%); e Classe 4, com 40 STs (25,31%).

Figura 1 – Dendrograma da Classificação Hierárquica Descendente dos Comentários.



Fonte: Dados da Pesquisa, gerados pelo Software IRAMUTEQ 0.7 Alpha 2 (2021).

O dendrograma, apresentado na Figura 1, ilustra que o corpus foi dividido inicialmente em dois subconjuntos (de um lado as classes 1 e 3 em oposição às demais; e, no segundo momento, foram geradas as classes 4 e 2), possibilitando, como resalta Du Bo et al., (2020), a construção de eixos de significados acerca das representações sociais dos objetos supramencionados, por meio de classes de vocábulos inter-relacionados, cujos conteúdos se configuram como material para a análise da presente pesquisa.

Nesta figura as palavras encontram-se ranqueadas pelo software, de acordo com sua classe temática e peso (χ^2), que traduz a importância que os sujeitos atribuíram a um determinado termo enunciado, incorporando os que são mais frequentemente evocados (FERNANDES, 2020). As palavras mais representativas que sobressaíram em cada uma das classes foram agrupadas e seus resultados foram discutidos individualmente. Essas classes se apresentam em dois diferentes eixos. O primeiro eixo (classe 1 e 3) foi intitulado “*pandemia e o meio familiar*”, enquanto o segundo (classe 4 e 2) “*pandemia e o meio social*”.

Considerando os dois eixos temáticos, procurou-se discutir as quatro classes derivada da análise lexical.

Classe 1: “jovens enquanto disseminadores da COVID para avós e familiares”

Correspondendo a 20,8% do corpus, o conteúdo encontrado na classe 1 apresentou uma relação direta com o conteúdo abordado na matéria jornalística

objeto do trabalho (jornal *O Globo*), bem como na visão disseminada por outras reportagens de outros veículos de comunicação que foram previamente analisadas.

A juventude foi situada como um possível agente disseminador do vírus. Como é possível observar no dendrograma, a presença de palavras, como pais ($\chi^2 = 9,93$), casa ($\chi^2 = 7,96$), idoso ($\chi^2 = 7,08$), próprio ($\chi^2 = 5,38$), levar ($\chi^2 = 4,4$), matar ($\chi^2 = 3,14$), denota uma narrativa onde se associam esses jovens a esses episódios. O que se observou nesta classe, foram discursos que destacavam a situação desponderada desses sujeitos para com seus familiares, dado o fato destes se arriscarem em festas aglomeradas. Alguns desses discursos são exemplificados a seguir:

Tem que ter consciência será que os caras não pensam no problema que isso causa para suas próprias famílias e a outras pessoas que não tem nada a ver com a irresponsabilidade desses caras. (CLASSE 1)

Mesmo sendo jovem, eu e vc tbm pagamos o pato por ter outros semelhantes que não estão se importando com o difícil momento que passamos e vamos passar. (CLASSE 1)

Até entendo que se sintam mais seguros em relação a si mesmo, mas esses infelizes não têm mãe e pai? Não tem avós ou pessoas idosas e mais veneráveis que tenham contato direto com esses irresponsáveis? E a polícia não pode ser acionada para conter esse absurdo que acontece não só no Rio mas no Brasil inteiro por parte desses seres irresponsáveis? E o cúmulo do absurdo. (CLASSE 1)

Infelizmente quem paga com o sofrimento são o pais, os jovens não pensa nos pais que são vulneráveis ao covid. (CLASSE 1)

Confirma-se, portanto, a reflexão de Coimbra (2001) e Jodelet (2001), quando aduzem a centralidade que os discursos propagados pela mídia ocupam na organização, construção, compreensão da realidade social nos diferentes indivíduos e grupos, por meio da transmissão de códigos normativos e de conduta (DÚ BO et al., 2020).

Preceitos semelhantes aos apresentados por Alexandre (2001: 113), ao pontuar que “diariamente somos bombardeados e envolvidos por informações, através de imagens e sons que, de uma forma ou de outra, tentam criar, mudar ou cristalizar atitudes ou opiniões nos indivíduos”. São modos de exposição que naturalizam certos vieses e que podem instaurar padrões normais e modelos que influenciam as percepções sobre as coisas do mundo. Ademais que, notícias de disseminação do coronavírus são um tema novo, que diariamente e continuamente é divulgado e massificado por todos os meios de disseminação de conhecimento (FERNANDES, 2020).

Nesse sentido, a comunicação arquitetaria condutas e reforçaria estereótipos que repercutiriam nos processos estruturais e formais do universo consensual (JODELET, 2001). Pavarino (2003), quando parece fazer alusão a esse processo de constituição do pensamento social, no que diz respeito ao papel da mídia, parece afirmar que o que varia nesse processo é a influência recebida; quanto menor o contato direto que público receptor tiver com o tema, mais influência ele receberá.

Classe 3: “jovens que não pensam no próximo”

Junto à classe 1, a classe 3, que correspondeu por 31,01% do corpus, também aborda os jovens, como sem amor ao próximo. Entre as palavras mais características, encontravam-se, novamente, termos que remetem aos mesmos vocábulos anteriores, como: empatia ($\chi^2 = 23,96$), parar ($\chi^2 = 16,4$), pensar ($\chi^2 = 9,79$), próximo ($\chi^2 = 9,17$), egoísmo ($\chi^2 = 8,03$), respeito ($\chi^2 = 4,97$). Por outro lado, os trechos dessa classe não se relacionavam a conteúdo específico, como, por exemplo, elencando os jovens enquanto disseminadores do vírus para família ou parentes próximos.

O discurso aqui se ancora num espectro geral e mais amplo, versando, sobretudo, a juventude na perspectiva da socialização. Discursos atrelados, mesmo que de maneira indireta, na maneira como os jovens ignoravam a pandemia, estando estes associados a ocorrências e situações que envolvem, especialmente, diversão, aglomerações e encontros múltiplos de pessoas sem qualquer tipo de proteção, festas e falta de reciprocidade em relação à dinâmica coletiva, conforme os trechos seguintes:

Falta de Empatia e egoísmos é meio que padrão em grande parte dos jovens de hoje. (CLASSE 3)

Ou seja, estamos vendo de forma empírica que mesmo em um intervalo de poucos meses o brasileiro é incapaz de aprender nada e repetir os erros. (CLASSE 3)

Apesar de tudo de ruim que o vírus faz com as pessoas. O pior são as pessoas que não acreditam nele. (CLASSE 3)

Geração que não conhece limites, não aceita regras e só se interessam em ter prazer. (CLASSE 3)

Classe 4: “continuem com os eventos... precisamos trabalhar”

Esta classe correspondeu a 25,31% do corpus. Foi possível notar, a partir das palavras que foram agrupadas, que essa é uma classe bastante homogênea em termos de seus conteúdos. Foram observadas muitas palavras associadas ao trabalho do meio artístico e cultural, sobretudo. Os discursos presentes nessa classe concentraram-se principalmente, em torno do tema da criação de protocolos sanitários para permitir a continuação dos eventos.

No que diz respeito a essa questão citada acima, algumas afloraram no meio social causando grandes reflexos, principalmente no embate público. No resto do mundo, assim como no Brasil, foram adotadas várias estratégias, táticas e ações voltadas ao sentido de evitar os picos de elevação do número de casos e de mortes por COVID-19, bem como tentar diminuir as incidências da doença, de modo que os casos pudessem ocorrer em um volume menor e num prazo mais longo, tendo como parâmetro a capacidade instalada do Sistema Único de Saúde (SUS) do Brasil.

Por decorrência dessas ações necessárias – isolamento social e a paralisação de atividades que ocasionassem aglomerações sociais – a crise provocada pela pandemia, com repercussões sanitárias, econômicas e sociais, revelou muitas fragilidades da economia brasileira, evidenciando a naturalização de desigualdades estruturais da nossa sociedade.

Emergiram também muitas tensões políticas, que geraram um cenário que parecia permanecer, pelo menos no que diz respeito à pandemia, uma ausência de estratégias integradas, que culminaram em consequências sociais e econômicas (desemprego, falências de empresas, etc) e que provocaram a eclosão de múltiplos conflitos atravessados por distintas concepções, por exemplo, os conflitos que perpassam a questão da não quarentena por razões econômicas.

Atrelado a isso, com a instituição de protocolos sanitários de funcionamento, houve reabertura do comércio, volta do trabalho presencial em alguns setores e até a reabertura de alguns estabelecimentos de lazer, tendo como marcadores e indicadores de liberalização os leitos de UTI disponíveis nos hospitais e o ritmo da vacinação. Essa certa flexibilização destacou muitas disparidades no meio social. Como foi possível observar no dendrograma, entre as palavras mais representativas destacaram-se vocábulos alinhados a esses discursos: evento ($\chi^2 = 71,22$), trabalhar ($\chi^2 = 20,4$), depender ($\chi^2 = 12,12$), continuar ($\chi^2 = 9,02$), viver ($\chi^2 = 8,18$), hipocrisia ($\chi^2 = 3,29$).

Nessa classe, foram apresentados discursos, que perpassavam por questões relacionadas aos desdobramentos envoltos ao tema trabalho. As ocorrências, conforme foi possível notar, remetiam a vocábulos conexos aos efeitos da pandemia na economia, especialmente no mercado de trabalho. Aqui a paralização em alguns setores produtivos, por decorrência do isolamento social, era relacionada a efeitos negativos, conforme os trechos seguintes:

O setor de evento sempre pagando o pato, enquanto ônibus, praias, metrô continuam cheios!!! Até quando seremos invisíveis?? Não queremos ajuda do governo, queremos trabalhar. (CLASSE 4)

A volta dos eventos é primordial, e um setor que gera muitos empregos, muitas famílias depende de estar trabalhando em eventos pra se sustentar. De liberdade pra voltar os eventos, e quem não quiser ir fique a vontade pra fazer seu próprio isolamento. Ngm é obrigado a ir em shows, nem antes da pandemia e nem agr com ela, só vai quem quer. Todos os setores estão funcionando. Tem gente que está entrando em desespero por não ter de onde tirar seu sustento. Eu sou a favor de voltar os eventos o mais rápido possível. (CLASSE 4)

O Setor de evento sempre pagando o pato! Transporte público lotado não pega??? Comício? Shopping? Praias? Supermercados? Mas eventos já faz 9 meses que não tem, por acaso o vírus acabou??? E ainda continuam nos culpando!!! Globo Lixo!!! Cada vez mais pagando nojo de vcs!!! HIPOCRISIA! (CLASSE 4)

Sêga (2001) explica que é comum buscar informações que confirmem nosso ponto de vista e negligenciar aqueles que possam, de alguma forma, enfraquecê-lo. De acordo com o autor, sempre há alguma impermeabilidade à informação. As representações amparam-se em visões e valores anteriores e, para Sêga (2001), vive-se em um mundo fechado, que tenta reproduzir juízos que confirmem as ideias preconcebidas que fazemos. Essas informações, uma vez manifestadas, tentam, a partir da nossa experiência prévia, confirmar certas informações e se livrar de outras.

Classe 2: o que dissemina COVID-19 são as praias lotadas e transportes coletivos cheios

Se a classe 4 se refere aos desdobramentos em torno do tema trabalho, a classe 2, que correspondeu por 22,78% do corpus, tratava, por sua vez, da representação social na dimensão política e social do objeto, especialmente. Os discursos presentes nessa classe estavam associados, principalmente, ao período

eleitoral. Outra questão que emergiu dos comentários foram as sequências de feriados, a aglomeração nas praias e noutros locais que também ficaram cheios. Como é possível observar no dendrograma, entre as palavras mais características destacam-se vocábulos alinhados nesse sentido: praia ($\chi^2 = 20,4$), shopping ($\chi^2 = 14,18$), passeata ($\chi^2 = 6,49$), política ($\chi^2 = 5,05$), metrô ($\chi^2 = 3,66$). Alguns desses discursos são exemplificados a seguir:

O disseminador se chama POLÍTICA, tudo aberto há meses e agora que a eleição tá acabando, volta a subir? Só trouxa pra acreditar nesse jornalismo lixo de vocês. (CLASSE 2)

E a feijoada no rio, tudo certo? Lá na escola de samba. Deveria pela mídia ser criticada assim como as festas lotadas. Correto? Parcialidade nas notícias tem outro nome. (CLASSE 2)

Porque vocês não noticiaram, nas eleições? Mediram temperatura nas zonas eleitorais? Aliás vcs noticiaram os comícios lotados? Midia porcaaaaa, vcs realmente são um lixo, hipocrisia ai e de tonelada. (CLASSE 2)

Foi possível perceber a coerência e conexão existente entre os elementos citados, quando foi realizada a análise de similitude, apresentada na Figura 2. Ou seja, observou-se que os achados encontrados, a partir da Análise de Similitude, exibiam um conjunto de elementos, que expressavam os dados obtidos por meio do Dendrograma. De maneira semelhante ao diagnóstico apresentado pela Classificação Hierárquica Descendente (CHD), a análise de similitude foi capaz de ratificar a demarcação das ideias expostas. Ambas enfatizaram as semelhanças entre as diferentes palavras, apresentando possibilidades distribucionais de os discursos ocorrerem em combinação com os outro (s).

Constatou-se, então, conforme Figura 2, que a Análise de Similitude apresentou uma ramificação dos principais termos elencados pelo software, ficando em evidência duas palavras, “festa” e “jovem”, que se relacionavam e hierarquizavam com outros elementos, em maior e/ou menor grau, dependendo da sua localização no mapa: central ou periférica. Em referência à palavra “festa”, ancora-se nela, de forma direta e muito próxima, a palavra “jovem”, que juntas se subancoram em outros termos, como: “pai”, “mesmo”, “irresponsável” e “eleição”; ou seja, há aqui várias dimensões manifestadas, como, por exemplo, o período eleitoral, que foi conduzido e realizado em pleno período pandêmico, bem como, as consequências que a participação dos jovens em festas aglomeradas podem trazer para as famílias desses sujeitos: “idoso”, “absurdo”, “preocupar”, “parar”, “pensar”, “triste”, “egoísmo”.

com a prevenção e minimização do impacto da COVID-19, emergem outros que expressam inquietação com a falta de concordância coletiva no que diz respeito às estratégias de cuidado e prevenção do novo coronavírus.

Existem também representações da juventude que estão ancoradas na crença do jovem como ser despreocupado com a dinâmica coletiva, expressas em palavras que se remetem aos vocábulos relacionados com a falta de reciprocidade. As muitas tensões políticas presentes no meio social e as muitas elasticidades daí eclodidas também se viram representadas.

Por fim, os achados alcançados não parecem apontar para uma única forma de construção da consciência coletiva, mesmo diante da homogeneização presente na lógica mediática disseminada. Diversas narrativas foram expostas, articuladas e alocadas, de diferentes maneiras, com diferentes sentidos e intensidades, produzindo representações sociais diversas, mesmo que os argumentos digam respeito a uma mesma realidade social.

Recebido em 1 de dezembro de 2021.

Aprovado em 3 de março de 2022.

Referências

ALEXANDRE, Marcos. O papel da mídia na difusão das representações sociais. *Comum - Rio de Janeiro*, 6 (17): 111-125, 2001.

ANDRADE, Marco Paulo; DOULA, Sheila Maria. A mídia regional e a representação social da violência: O caso dos refugiados venezuelanos no norte do Brasil. *Pauta Geral - Estudos Em Jornalismo* (e202015365): 1-20, 2020.

ARRUDA, Ângela. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. *Cadernos de Pesquisa*, 117: 127-147, 2002.

BRASIL. *Boletim Epidemiológico Especial n. 90*. Ministério da Saúde - Secretaria de Vigilância em Saúde, 2020.

CAMBRICOLI, Fabiana. “Jovens vão para festas como se pandemia tivesse acabado”, diz David Uip sobre novos casos de covid. *O Estado de São Paulo*, 19 nov. 2020.

CALVACANTE, José Roberto et al. COVID-19 no Brasil: Evolução da epidemia até a semana epidemiológica 20 de 2020. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 29 (4): 1-13, 2020.

COIMBRA, Cecília. “A Mídia Produzindo Subjetividades”. In: COIMBRA, Cecília. (Org.). *Operação Rio – O Mito das Classes Perigosas*. Rio de Janeiro: Intertexto, 2001. pp. 27-73.

DO BÚ, Emerson Araújo et al. Representações e ancoragens sociais do novo coronavírus e do tratamento da COVID-19 por brasileiros. *Estud. Psicol. Campinas*, 37 (e200073): 1-13, 2020.

DUARTE, Bruno Monteiro; DOULA, Sheila Maria; SILVA, Douglas Mansur da. Do vermelho ao arcoíris: as representações sobre o movimento LGBT nas mídias do MST. *Revista Antropolítica*, (49), 2020.

FERNANDES, Baltazar. *Representação Social do Coronavírus*. Universidade do Minho.

GIL, Antônio Carlos. *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.

JODELET, Denise. “Representações Sociais: Um Domínio em Expansão”. In: JODELET, Denise (org.). *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2001.

MOREIRA, Maria Rosilene Candido et al. Enfermagem na pandemia da covid-19: Análise de reportagens à luz da teoria do reconhecimento. *Enfermagem em Foco*, 11 (1): 116-123, 2020.

O GLOBO. *Jovens se tornam 'disseminadores do vírus', diz infectologista sobre festas lotadas no Rio*. 23 nov, 2020.

O DIA. *Médico alerta para o comportamento dos jovens durante a pandemia: 'Eles viram disseminadores do vírus'*. 23 nov, 2020.

PAVARINO, Rosana Nantes. Teoria das representações sociais: pertinência para as pesquisas em comunicação de massa. *XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – BH/MG – 2 a 6 Set 2003*.

PESAVENTO, Sandra. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. *Revista Brasileira de História*, 15 (29): 1995.

RESENDE, José Walter Rego; ESPÍNDULA, Daniel Henrique Pereira. Juventude em Foco: Representações Sociais da Juventude na Folha de São Paulo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 40 (190523): 1-15, 2020.

REDE GLOBO - JORNAL HOJE. *Festas irregulares na pandemia: locais descumprem medidas restritivas*. 19 nov, 2020.

RICHARDSON, Roberto Jarry. *Pesquisa Social: Métodos e Técnicas*. São Paulo: Atlas, 1999.

REDE CBN. “Os jovens simplesmente decidiram que a pandemia acabou”. 23 nov, 2020.

SÊGA, Rafael Augustus. O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Sege Moscovici. *Anos 90*, 13, 2000.

SOUSA, Yuri Sá Oliveira; SANTOS, Maria de Fátima de Souza; ALÉSSIO, Renata Lira dos Santos. Maconha e Representações Sociais em Matérias de Jornal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 34 (34420): 1-11, 2018.

TV RECORD - JORNAL FALA BRASIL. *Jovens ignoram pandemia e se arriscam em festas clandestinas sem qualquer proteção*. 22 set, 2020.

VEJA. *O comportamento dos jovens e a pandemia, transmitido ao vivo no dia*. 19 nov, 2020.

VITALI, Marieli Mezari et al. Homem é homem e mulher é mulher, o resto, sem-vergonhice: representações sociais da transexualidade sobre comentários da internet. *Saúde e Sociedade*, 28 (4): 243-254, 2019.

WACHELKE, João Fernando Rech; SEGALA, Mariana. Interdisciplinaridade em Psicologia Social e Comunicação Social. *XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UERJ – 5 a 9 de setembro de 2005*.

WERNECK, lana Eleá S. Quando os jovens viram notícia de jornal? Uma análise das representações sociais na mídia. *Revista Iberoamericana De Educación*, 36 (12): 1-9, 2005.

ACENO

REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE
ISSN: 2358-5587

A Aceno recebe em
FLUXO CONTÍNUO,
*artigos livres,
resenhas,
ensaios fotográficos,
dossiês (propostas).*
*Interessados em atuar como
pareceristas
podem realizar seus cadastros no site*